



A DINÂMICA DA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS SOB A ÉGIDE DO CAPITAL FINANCEIRO¹

Edson Luiz Flores²

RESUMO

Nesse artigo, analisamos a industrialização brasileira no que se refere ao setor de fabricação de máquinas agrícolas, que se desenvolveu a partir do final da década de 1950 e foi estimulado por planos econômicos (do governo federal) que atraíram grandes empresas multinacionais, especialmente as fabricantes de tratores agrícolas, o que também impulsionou o surgimento de diversas fábricas nacionais de colheitadeiras automotrizes e de outros equipamentos agrícolas. Porém, a mudança de rumo na política econômica, ocorrida principalmente a partir de 1980, deixou de apoiar a indústria brasileira de máquinas agrícolas, inclusive reduzindo a sua demanda ao aumentar as taxas de juros e ao reduzir o volume de crédito rural para investimentos. Especialmente a partir da década de 1990 esse processo se agravou, levando várias empresas desse setor à falência, o que facilitou a entrada do capital estrangeiro que desnacionalizou as maiores fábricas brasileiras desse segmento. Na atualidade a indústria de máquinas agrícolas está concentrada em 3 grandes conglomerados (*Deere & Company*, *CNH Industrial* e *AGCO Corporation*), mas que são controlados pelo grande capital financeiro, por poucos fundos de investimento que têm partilhado praticamente todo o planeta conforme seus interesses. Entendemos que essa situação põe na ordem do dia o debate sobre a importância do planejamento econômico, das políticas de apoio à industrialização, já que o capital financeiro imperialista tem se levantado contra os interesses nacionais.

Palavras-chave: Indústria de máquinas agrícolas, Desnacionalização industrial, Capital financeiro, Planejamento econômico.

RESUMEN

En este artículo analizamos la industrialización brasileña con respecto al sector de fabricación de maquinaria agrícola, que se desarrolló a partir de fines de la década de 1950 y fue estimulado por planes económicos (del gobierno federal) que atrajeron grandes compañías multinacionales, especialmente a los fabricantes de tractores agrícolas, lo que también impulsó la aparición de varias fábricas nacionales de cosechadoras autopropulsadas y otros equipos agrícolas. Sin embargo, el cambio de rumbo de la política económica, que se produjo principalmente a partir de 1980, no apoyó a la industria brasileña de maquinaria agrícola, ni siquiera redujo su demanda al aumentar las tasas de interés y reducir el volumen de crédito rural para inversiones. Especialmente a partir de la década de los noventa, este proceso se agravó, llevando a la quiebra a varias empresas del sector, lo que facilitó la entrada de capitales extranjeros que desnacionalizaron las mayores fábricas de este segmento. Actualmente, la industria de maquinaria agrícola se concentra en 3 grandes conglomerados (*Deere & Company*, *CNH Industrial* y *AGCO Corporation*), pero que están controlados por un gran capital financiero, por unos pocos fondos de inversión que han compartido prácticamente todo el planeta según sus intereses. Entendemos que esta situación pone en la agenda el debate sobre la importancia de la planificación económica, de las políticas de apoyo a la industrialización, ya que el capital financiero imperialista se ha levantado contra los intereses nacionales.

¹ Esse artigo apresenta alguns resultados obtidos em pesquisa de Doutorado em Geografia pela UNIOESTE/campus de Francisco Beltrão – PR, em que estudamos a dinâmica da indústria brasileira de máquinas agrícolas (FLORES, 2021).

² Doutor em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/campus de Francisco Beltrão – PR). Professor de Geografia da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná. E-mail: edsonflores5@yahoo.com.br.



Palabras clave: Indústria de maquinaria agrícola, Desnacionalización industrial, Capital financiero, Planificación económica.

INTRODUÇÃO

O Brasil é de suma importância para a produção agrícola mundial. Como destacaram Elverdin e Piñero (2019), o país vem contribuindo com cerca de 22% das exportações líquidas mundiais de alimentos, ao contrário do que ocorre com outros grandes produtores agrícolas mundiais que consomem mais do que produzem. Além disso, esses autores destacam a possibilidade de expansão da área agrícola brasileira, o que atrai os grandes grupos internacionais fabricantes de máquinas agrícolas. De acordo com Sarti, Sebbatini e Vian (2009), outro atrativo é o índice de mecanização da agricultura do Brasil, que é bem inferior ao da maioria dos demais países, como da Argentina, EUA, Canadá, entre outros. Soma-se a isso o fato de que a frota brasileira de tratores agrícolas está envelhecida, conforme observaram Silva, Baricelo e Vian (2015).

Considerando essa conjuntura, entendemos que a indústria de máquinas agrícolas é imprescindível para a mecanização da agricultura brasileira. Porém, em pesquisa que realizamos recentemente (FLORES, 2021), constatamos que esse setor industrial se encontra financeirizado, controlado pelo grande capital financeiro internacional, o que resultou em um intenso processo de desnacionalização de importantes empresas desse setor.

Nesse artigo, objetivamos trazer para o debate alguns elementos que consideramos fundamentais para analisarmos essa temática; particularmente a necessidade de planejamento da economia e de controle sobre o capital financeiro.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Nossos procedimentos metodológicos consistem na análise do problema – a dinâmica da indústria brasileira de máquinas agrícolas sob a égide do capital financeiro –, procurando identificar os elementos internos ou diretamente relacionados a esse setor industrial, como a evolução da produção e das vendas internas. Também estudamos os elementos externos que se relacionam a esse problema, como as políticas de apoio à industrialização e ao crédito rural destinado ao investimento, pois elas contribuem para a formação de demanda para esse segmento.

A análise se estende inclusive à conjuntura econômica externa, à medida que observamos que na atualidade esse segmento industrial se encontra oligopolizado, controlado



por poucas marcas de máquinas agrícolas pertencentes a três grandes grupos industriais.

Para realizar a coleta de dados, recorreremos a fontes tais como os dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre outros. Também utilizamos dados e informações coletados diretamente em pesquisa de campo, que realizamos em unidades produtivas das principais fábricas de máquinas agrícolas que na atualidade atuam no país.

Analisamos a ação do capital financeiro sobre os grandes grupos fabricantes de máquinas agrícolas a partir de dados coletados nos relatórios contábeis das próprias empresas, que acessamos em visualizadores de mercado como o *MarketScreener*, por exemplo.

O REFERENCIAL TEÓRICO UTILIZADO

Em relação ao referencial teórico, utilizamos alguns estudos como o de Amato Neto (1985), que observou que no Brasil o segmento de fabricação de máquinas agrícolas se consolidou a partir da década de 1970, mas que esse setor começou se formar ainda no final da década de 1950, inclusive como um projeto contido no Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek (JK).

Há de se ressaltar que, de acordo com entendimento de Rangel (1980), acreditamos que o planejamento, enquanto instrumento de Estado, foi de suma importância para estimular esse setor da indústria brasileira.

Outro referencial que embasa nossa análise sobre a importância do planejamento econômico, é Keynes (1983) que ressaltou que em economias capitalistas se faz imprescindível a ação do Estado, particularmente nas fases recessivas da economia, nas quais os investimentos da iniciativa privada escasseiam, especialmente para os setores de longo tempo de maturação, como na indústria de bens de produção.

Barros de Castro (1985), também observou que a industrialização brasileira, especialmente na década de 1970, foi comandada por meio de diversos instrumentos de planejamento, mas destaca que a partir dos anos 1980 mudou as diretrizes no Ministério do Planejamento, ocorrendo menos apoio ao setor industrial, pois se aplicou no país políticas econômicas contracionistas que priorizaram o controle inflacionário, mas aumentando as taxas de juros, o que reduziu consideravelmente o crédito para investimentos. Como mostraremos adiante, essa conjuntura contribuiu para encolher o mercado interno para a própria indústria de máquinas agrícolas.

Há de se observar que a conjuntura recessiva da economia mundial condicionou a



entrada do receituário neoliberal, defendido especialmente pelos Estados Unidos que, ao desregular as economias dos países periféricos, permitiu a intensificação de um processo no qual o capital financeiro passou a controlar o capital produtivo. Aliás, acreditamos que as “raízes” daquilo que atualmente se chama “financeirização” já foram descobertas, no início do século passado, por autores marxistas como Hilferding (1985) e Lênin (1987). Hilferding, observou que a queda da taxa de lucro intensificaria a *acumulação de capital*, ampliando os *territórios econômicos* dos grandes bancos de investimento e fazendo os capitalistas deixarem de ser empresários industriais para se tornarem acionistas. Lênin, constatou que a concorrência levaria à *concentração de capitais*, processo em que poucos bancos de investimento partilhariam praticamente todo o planeta de acordo com seus interesses, inclusive levando a uma fase superior do capitalismo, o que ele definiu como *imperialismo*.

Esse referencial teórico é importante, pois nos auxilia na interpretação do processo de inserção do capital externo, que vem adquirindo (desnacionalizando) a maioria das empresas brasileiras do setor de fabricação de máquinas agrícolas.

A DINÂMICA DA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS

A instalação da indústria brasileira de máquinas agrícolas mais moderna, especialmente a fabricação de tratores e colheitadeiras automotrizes, ocorreu a partir do final da década de 1950, consolidando-se na década de 1970. Ocorre que em 1959 foi instituído o Plano Nacional da Indústria de Tratores de Rodas, atraindo para o país importantes fabricantes estrangeiras de tratores agrícolas, tais como a *Massey Ferguson*, *Fendt*, *Valmet*, *Ford*, *Demisa* e uma empresa nacional, a *Companhia Brasileira de Tratores (CBT)*, como pode-se observar no quadro 1.

Quadro 1 Empresas selecionadas para fabricar tratores agrícolas no Brasil – 1959

Fabricante	Marca do trator	Categoria do trator*	Origem da empresa
<i>Massey-Ferguson do Brasil</i>	Massey-Ferguson	Leve	Canadá/Inglaterra
<i>Fendt do Brasil</i>	Fendt	Leve	Alemanha
<i>Valmet do Brasil</i>	Valmet	Médio	Finlândia
<i>Ford do Brasil</i>	Ford	Médio	Estados Unidos
<i>Demisa</i>	Deutz	Pesado	Alemanha
<i>Cia. Brasileira de Tratores (CBT)</i>	Oliver	Pesado	Brasil/EUA

Nota: *Categoria de tratores considerada pela potência na barra de tração: *leves*, de 25 a 35 cv; *médios*, de 36 a 45 cv e tratores *pesados*, acima de 45 cv.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de Amato Neto (1985).



Por outro lado, observamos que entre as principais fabricantes de colheitadeiras automotrizes que naquela época atuavam no país, destacaram-se algumas empresas nacionais como a *Schneider & Logemann (SLC)* e a *Indústria de Máquinas Agrícolas Ideal S.A.* (AMATO NETO, 1985).

Os dados da Anfavea (2019), nos mostram que em 1960 o Brasil era dependente da importação de tratores agrícolas, pois naquele ano produziu apenas 37 unidades. Mas, com a instalação das grandes fábricas, em 1964 o país já conseguiu fabricar 11.537 tratores e em 1970 já era autossuficiente nesse tipo produção. Na fabricação de colheitadeiras o crescimento também foi considerável nesse período, saltando de apenas 12 unidades, em 1966, para 730 no ano de 1970. Segundo a Anfavea, no ano de 1976 as vendas internas de tratores de rodas atingiram 62.700 unidades, enquanto que as de colheitadeiras automotrizes alçaram 5.315.

Há de se ressaltar que o mercado interno para a indústria brasileira de máquinas agrícolas foi estimulado pelo crédito rural para investimento nesse tipo de meios de produção, que em 1976 alcançou R\$ 2,50 bilhões de reais. Além disso, observamos que nesse mesmo ano a taxa de juros real para esse tipo de financiamento foi extremamente atraente, de -21,34%, como podemos observar pelos dados da tabela 1.

Tabela 1 Crédito rural para investimento em máquinas agrícolas e a venda de tratores e colheitadeiras no Brasil – 1969-1979

Ano	Crédito rural para investimento em máquinas e equipamentos (R\$) (*)	Venda no atacado de tratores de rodas e colheitadeiras (unidades)	Taxa de juros real (%) (**)
1969	694.000	9.977	-
1970	841.495.000	14.586	-1,85
1971	1.061.245.000	21.947	-2,34
1972	1.396.057.000	29.254	-0,43
1973	2.230.398.000	38.918	-0,61
1974	756.536.000	45.226	-14,5
1975	2.529.727.000	57.101	-11,13
1976	2.497.305.000	68.015	-21,34
1977	1.960.206.000	52.942	-14,99
1978	1.585.083.000	44.474	-16,19
1979	1.919.944.000	54.050	-31,72

Nota: (*) Valores deflacionados pelo IGP-DI (agosto de 1994 = 100). (**) Obtido pelo cálculo da taxa nominal (contratual) de juros, subtraindo-se a inflação do período.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados organizados por Baricelo e Vian (2017).



Porém, como mencionamos anteriormente, as políticas econômicas implantadas no Brasil a partir da década de 1980, atendendo ao receituário do Fundo Monetário Internacional (FMI), deixaram de apoiar a industrialização do país, o que agravou a crise já instalada (inclusive em países mais desenvolvidos), que seria marcada pelo aumento dos preços internacionais do petróleo e das taxas de juros, o que comprometeu as economias dos países em desenvolvimento (BARROS DE CASTRO, 1985).

Segundo Fürstenau (1987), a partir de 1983 o FMI intensificou sua influência sobre a política de crédito rural no Brasil, por exemplo, receiptando cortes nos subsídios à agricultura, o que fez o Conselho Monetário Nacional (CMN) modificar o sistema a partir de 1984, ano em que a taxa de juros passou a ser de 100% da correção monetária, acrescida de 3% a.a.

Essa situação contribuiu para aumentar a capacidade produtiva ociosa na indústria de máquinas agrícolas instalada no Brasil. Por exemplo, a produção de tratores (em unidades) da empresa *Valmet*, no ano de 1983, foi 58,1% menor que do ano de 1976, no qual a produção esteve em alta. A produção da multinacional *Massey Ferguson*, também no ano de 1983, foi 68,6% menor que a de 1975. Na indústria de colheitadeiras automotrizes a ociosidade também foi grande. Na empresa nacional *SLC* chegou a cerca de 50% no ano de 1982 – também em relação ao ano de 1976 (ANFAVEA, 2019).

Apesar de uma recuperação na produção e nas vendas internas de máquinas agrícolas, ocorrida especialmente no ano de 1986 (provavelmente devido ao Plano Cruzado), durante grande parte da década seguinte a crise se mostraria até mais intensa nesse setor industrial. Por exemplo, no ano de 1996 o volume total de vendas de tratores de rodas caiu para apenas 10.312 unidades, o que equivale a apenas 16,4% das vendas do ano de 1976, que havia alcançado 62.700 unidades (ANFAVEA, 2019).

Há de se notar que se durante a década de 70 os juros subsidiados favoreceram as vendas desse setor, em meados da década de 90 eles desencorajaram os investimentos rurais, pois, por exemplo, em fevereiro de 1995 a taxa de juros do Finame Rural – que na época era o único plano que financiava a aquisição de máquinas agrícolas – alcançou 26,01% ao ano (BNDES, 1995). Conseqüentemente, a falta de incentivos, tanto à produção como à formação de demanda, debilitaria as principais fábricas de máquinas agrícolas instaladas no país.

A DESNACIONALIZAÇÃO NA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Especialmente a partir de meados da década de 1990 iniciou um processo de falências



na indústria nacional, inclusive no setor de máquinas agrícolas. A *Companhia Brasileira de Tratores* (CBT), criada no final da década de 1950 por empresários de São Carlos – SP, foi uma das grandes empresas brasileiras desse setor que não resistiu a conjuntura recessiva da economia, pois em 1997 decretou falência por não conseguir enfrentar a concorrência, o que havia resultado em uma brusca queda de suas vendas. Na década de 1970 essa empresa chegou a controlar 19% do mercado interno de tratores pesados, mas em 1991 fabricou somente 883 unidades, número que caiu para apenas 214 tratores em 1994, o que a levou a paralisar completamente a produção no ano de 1995 (CBT, 2018).

Outra importante fabricante nacional de máquinas agrícolas que não resistiu à crise, foi a *Máquinas Agrícolas Ideal S.A.* (Ideal), que surgiu em Santa Rosa – RS, em 1953, e que a partir do final da década de 1960 se especializou na produção de colheitadeiras automotrizas (IDEAL, 2018). Devido à queda nas suas vendas essa empresa também não conseguiu permanecer no mercado. Por exemplo, no ano de 1986 ela havia fabricado 1.110 colheitadeiras e entre os anos 1985-88 fabricou, em média, 900 unidades, mas em 1995 sua produção caiu para apenas 97 unidades (ANFAVEA, 2019). Na iminência de falir, no ano de 1996 a *Ideal* foi vendida à multinacional *AGCO Corporation* (MASSEY FERGUSON, 2018).

Podemos citar, também, o caso da *Brastoft* de Piracicaba – SP. Essa empresa se formou a partir de uma parceria (ocorrida na década de 1980) da empresa Dedini, que foi pioneira na fabricação de máquinas e equipamentos para o setor sucroalcooleiro, com a australiana *Austoft*. Porém, a *Brastoft* também não resistiu à concorrência, sendo adquirida, no ano de 1997, pelo grupo estrangeiro *Case IH* (BRASTOFT, 2018).

No ano de 1999 a empresa gaúcha *SLC* também foi totalmente adquirida pelo grupo estrangeiro *Deere & Company*. Desde o final da década de 1970 essa empresa multinacional começou adquirir parte do controle acionário da *SLC*, que buscou parceria para se capitalizar visando enfrentar a concorrência, especialmente dos grandes grupos estrangeiros. Porém, em 1999 a *SLC* já começava perder mercado, especialmente para o grupo estrangeiro *New Holland*, o que fez os antigos proprietários venderem o restante de suas ações (BUENO, 2019).

Há de se notar que mesmo com a retomada da produção e das vendas de máquinas agrícolas, ocorrida especialmente no período 2006-2013 (ANFAVEA, 2019), a desnacionalização de empresas desse setor persistiu. Por exemplo, em 2005 o grupo francês *Kuhn* adquiriu a divisão agrícola da *Metasa S.A.*, que desde a década de 1980 fabricava implementos agrícolas no Rio Grande do Sul (KUH-N-METASA, 2005). Esse grupo multinacional, no ano de 2014, também adquiriu a *Montana Indústria de Máquinas*



(especialista na fabricação de pulverizadores agrícolas) que havia sido fundada em 1996, no município de São José dos Pinhais – PR (RIBEIRO, 2019).

No quadro 2, apresentamos as empresas brasileiras, fabricantes de máquinas agrícolas, que foram adquiridas pelos grandes grupos estrangeiros a partir da década de 1990.

Quadro 2 O processo de aquisições na indústria de máquinas e implementos agrícolas instalada no Brasil – 1990 até o presente

Ano	Empresa adquirida	Comprador	Origem do capital
1996	Divisão agrícola da <i>Iochpe-Maxion</i> , (marcas <i>Massey Ferguson do Brasil e Ideal</i>).	<i>AGCO Corporation</i>	Estrangeiro
1997	Empresa nacional <i>Brastoft</i> , que foi criada em 1996.	<i>Case IH</i>	Estrangeiro
1999	Aquisição da totalidade das ações da empresa gaúcha <i>SLC</i> .	<i>Deere & Company</i>	Estrangeiro
	Arrendamento da fábrica e da marca <i>Baldan</i> , que havia surgido em Matão – SP em 1928.	<i>Agri-Tillage</i>	
2005	Empresa <i>Valtra</i> (antiga <i>Valmet</i>), inclusive a unidade instalada no Brasil desde 1960.	<i>AGCO Corporation</i>	Estrangeiro
	Divisão agrícola da <i>Metasa S.A.</i> , que desde 1997 estava instalada em Passo Fundo – RS.	<i>Kuhn Group</i>	
2007	Empresa brasileira <i>Sfil</i> (instalada em Ibirubá – RS), que surgiu em 1962.	<i>AGCO Corporation</i>	Estrangeiro
2012	Empresa <i>Santal Equipamentos S.A.</i> , que surgiu em Ribeirão Preto – SP em 1960.	<i>AGCO Corporation</i>	Estrangeiro
2014	Empresa <i>Montana Indústria de Máquinas</i> , fundada em 1996 em São José dos Pinhais – PR.	<i>Kuhn Group</i>	Estrangeiro

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Castilhos *et. al.* (2008) e do histórico das referidas empresas (FLORES, 2021).

Ao observarmos que a entrada do capital estrangeiro persistiu nas décadas de 2000 e 2010, adquirindo importantes empresas nacionais desse setor, constatamos que esses grupos internacionais não têm encontrado barreiras para se inserir no Brasil.

Ressaltamos que o processo de desnacionalização da indústria brasileira de máquinas agrícolas se intensificou justamente a partir da década de 1990 porque as políticas econômicas, desde o início da década anterior, vinham deixando de apoiar a industrialização do país, conforme, aliás, observamos anteriormente a partir do entendimento de autores como Barros de Castro (1985).



UMA INDÚSTRIA DEPENDENTE DAS IMPORTAÇÕES

Em meados da década de 1980, ao analisar as dificuldades que enfrentou a partir da crise de 1973 (com o aumento do custo das importações) o então Ministro do Planejamento, João P. dos R. Velloso, escreveu que o Brasil *nunca mais* deveria ser dependente das importações de petróleo e de matérias-primas industriais (VELLOSO, 1986).

No entanto, a pesquisa que realizamos sobre a dinâmica da indústria brasileira de máquinas agrícolas nos mostrou que, na atualidade, o país tem sido fortemente dependente das importações de bens intermediários, especialmente para esse setor. Pelas visitas de estudo, obtivemos importantes informações sobre as importações das unidades produtivas desse segmento. Por exemplo, o grupo *AGCO* (com unidades em Canoas, Santa Rosa e em Ibirubá – RS, bem como em Mogi das Cruzes e Ribeirão Preto, em SP) importa da Índia componentes como sistemas de *transmissão* para tratores, que são fabricados pela empresa *TAFE*³. Os *pilotos automáticos* (para agricultura de precisão) que equipam vários modelos de tratores da marca *Massey Ferguson*, são fornecidos pela empresa *Topcon Positioning Systems, Inc.*⁴ dos Estados Unidos (FLORES, 2021).

Pela pesquisa de campo, também verificamos que a unidade produtiva da *John Deere* de Horizontina – RS importa motores a diesel de uma fábrica (do mesmo grupo) instalada em Rosário, na Argentina, sendo que outros componentes e peças são importados de países como os Estados Unidos, a Alemanha e a China.

Indiretamente, também podemos verificar as importações de bens intermediários (peças, componentes etc.) da indústria de máquinas agrícolas a partir dos dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), referentes às importações (por produtos) de cada município (para o ano de 2018)⁵. Os dados mostram, por exemplo, que o município de Pompéia – SP importa *sistemas de transmissão* e aparelhos para “dispersar ou pulverizar

³ A *TAFE* é uma importante fabricante de tratores e implementos agrícolas da Índia. Desde os anos 1950 essa empresa tem parceria com a *Massey Ferguson* e nos últimos anos firmou parceria com a *AGCO Corporation*. Além de tratores agrícolas a *TAFE* exporta componentes automotivos, tais como transmissões, baterias, bombas, cilindros hidráulicos, entre outros (TAFE, 2019).

⁴ Entre os produtos oferecidos por essa empresa estão: o *controle de máquinas agrícolas* (popularmente, conhecido como “piloto automático”); *consoles e visores* para a agricultura; receptores *Global Navigation Satellite System (GNSS)* – utilizados principalmente para a topografia –; *sensoriamento de colheita*, entre outros (TOPCON, 2019).

⁵ O que dificulta a análise é que as mesmas peças utilizadas na fabricação de um trator, colheitadeira ou pulverizador agrícola automatizado, também são empregadas na montagem de máquinas rodoviárias e de caminhões. Então, para não comprometer a análise utilizamos apenas os dados do MDIC (2019) referentes aos municípios que não possuem nenhum tipo de fábrica de veículos automotores.



líquidos”, que devem ser utilizados por empresas como a *Jacto S/A*, que fabrica nesse município máquinas automotrizes para aplicação de defensivos agrícolas, bem como colhedoras de café.

O município de Garuva – SC importa *carroçarias para os veículos automóveis das posições 87.01 a 87.05, incluindo as cabinas*. O item 87.01, refere-se a componentes para a fabricação de tratores. Nesse município está instalada a *LS Mtron*, filial do grupo sul coreano *LG*, que fabrica no Brasil tratores de pequeno porte (MDIC, 2019).

Não-Me-Toque – RS é outro município que tem importado desde sistemas de transmissão, bem como motores a diesel, peças e componentes específicos para tratores; além de *aparelhos de radiodeteção e de radiosondagem (radar), aparelhos de radionavegação e aparelhos de radiotelecomando*, que podem ser utilizados em máquinas e implementos utilizados na agricultura de precisão. Esses itens devem ser importados por empresas nacionais como a *Stara S/A* que fabrica pulverizadores automotrizes, plantadeiras, adubadores autopropeidos e até tratores agrícolas.

No município de Horizontina – RS (onde está instalada a fábrica de colheitadeiras de grãos da *John Deere*), também se destaca a importação de itens como motores a diesel e até colheitadeiras montadas. Esse pequeno município gaúcho também não possui montadoras de veículos, o que nos faz pensar que esses itens sejam importados pela unidade da *Deere & Co*.

Inclusive, verificamos que a dependência das importações, especialmente de itens de maior tecnologia, tem obrigado as poucas empresas brasileiras que resistem (fabricando máquinas ou equipamentos agrícolas) buscarem parceria com renomadas empresas estrangeiras. Por exemplo, a já mencionada *Stara S/A* firmou parceria de transferência de tecnologia com a empresa alemã *Amazone Werke*, líder europeia na fabricação de pulverizadores agrícolas e aparelhos para a agricultura de precisão. Para fabricar tratores a *Stara* tem utilizado tecnologia da marca *McCormick* (empresa pioneira em máquinas agrícolas nos EUA), que na atualidade pertence ao grupo italiano *Argo Tractors* (STARA, 2019).

Ou seja, acreditamos que o atraso tecnológico da indústria brasileira, principalmente na produção de componentes eletrônicos, tem obrigado as empresas que atuam no país a recorrer às onerosas importações, o que se agrava especialmente em períodos de desvalorização cambial.

A FINANCEIRIZAÇÃO DA INDÚSTRIA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS

A pesquisa que realizamos (FLORES, 2021) nos mostrou que, na atualidade, as principais marcas internacionais de máquinas agrícolas estão concentradas em 3 grandes conglomerados industriais. A *Deere & Company* (centenária empresa estadunidense) atua no



mercado, praticamente, apenas com a marca *John Deere*, mas o conglomerado de origem italiana *CNH Industrial* detém as renomadas marcas *Case IH* e *New Holland* (centenárias empresas que também surgiram nos EUA); enquanto que o grupo *AGCO Corporation* (que surgiu nos EUA na década de 1990) detém as marcas *Massey Ferguson* (de origem estadunidense e inglesa), *Valtra* (finlandesa), *Fendt* (alemã) e *Challenger* (origem inglesa).

Esses grupos industriais são líderes no mercado. No ano de 2019 o *AGCO* apresentou uma capitalização de 5,5 bilhões de dólares, seu faturamento com vendas totalizou US\$ 9,2 bilhões e seu lucro líquido atingiu 337 milhões de dólares (AGCO, 2020). O *CNH Industrial NV*, em 2018, possuía uma capitalização de US\$ 14,5 bilhões, com faturamento (com vendas) de € 29,7 bilhões e lucro líquido de 1,1 bilhão de euros (CNH, 2020). Mas, a maior empresa do setor é a *Deere & Company*, que no ano de 2019 apresentou uma capitalização de US\$ 54,3 bilhões e seu faturamento com vendas alcançou US\$ 39,3 bilhões, com lucro líquido de US\$ 3,3 bilhões (DEERE, 2020b).

Porém, observamos que apesar de fortes esses grupos industriais são controlados pelo grande capital financeiro. Eles têm como seus grandes acionistas alguns fundos de investimentos, tais como *The Vanguard Group* e *BlackRock Fund Advisors*, que controlam inclusive as grandes empresas de outros setores e praticamente em todo o planeta⁶.

No ano de 2020 a *Deere & Company* tinha como maior acionista o *Capital Research & Management Co.*⁷, que possuía 12,4% de suas ações. Entre os demais investidores, destacam-se *The Vanguard Group, Inc.* e *BlackRock Fund Advisors* que participam, respectivamente, com 7,37% e 2,42% de suas ações (DEERE, 2020a).

O *CNH Industrial* também é controlado por alguns fundos de investimentos, como o já mencionado *The Vanguard Group, Inc.*, que possui 2,2% de suas ações. Mas, a grande acionista desse conglomerado é a *Exor NV*, detentora de 27,2% de suas ações (CNH, 2020).

⁶ *The Vanguard Group, Inc.* é um dos maiores fundos de investimentos do mundo. Em 31 de dezembro de 2018, ele possuía mais de 20 milhões de investidores, distribuídos em cerca de 170 países, sendo que em 31 de janeiro de 2019 seus ativos totais alcançavam 5,3 trilhões de dólares. Esse fundo de investimentos surgiu em 1975 e sua sede se localiza na Pensilvânia – EUA (VANGUARD, 2019). O *BlackRock Fund Advisors* surgiu em 1988, com sede em Nova York. Em 31 de dezembro de 2018, ele possuía o total de 5,98 trilhões de dólares em ativos (LIM, 2019).

⁷ O *Capital Research & Management Company* surgiu no estado de Delaware – EUA, no início da década de 1930, como subsidiário do *The Capital Group Companies, Inc.* e na atualidade atua na gestão de investimentos (fundos de aposentadoria, pensão etc.) em escala global. Para termos noção da amplitude de atuação desse fundo de gestão de investimentos, podemos colocar que em 30 de junho de 2019, ele gerenciava aproximadamente US\$ 2,2 trilhões de ativos discricionários (que o *Capital Research* tem autonomia para executar a ordem sem consultar os investidores) e mais US\$ 6,1 bilhões de ativos não discricionários (CAPITAL GROUP, 2020).



Exor NV, com sede em Amsterdã, na Holanda, é uma *holding* que investe em diferentes empresas, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, tendo participação na *Fiat Chrysler Automobiles (FCA)* e no *CNH Industrial*, além de ser proprietária da *Juventus F.C.* (clube de futebol) da Itália. Sua capitalização é de 18,5 bilhões de dólares, obtendo, em 2018, uma receita de € 143,8 bilhões – 76,8% dessa receita vem da *Fiat Chrysler Automobiles* e 17,3% do *CNH Industrial* – e lucro líquido de 1,3 bilhão de euros. Há de se ressaltar que 53,0% das ações da *Exor* pertencem à família Agnelli, fundadora do grupo *Fiat* de Turim (EXOR, 2020).

A maior acionista do *AGCO Corporation* é Mallika Srinivasan, uma empresária indiana que na atualidade é presidente da *TAFE Reach Ltd.* e da *United Nilgiri Tea Estates Co. Ltd.*; presidente executiva e diretora executiva da *TAFE Motors & Tractors Ltd* e presidente e *Chief Executive Officer (CEO)* da *Tractors & Farm Equipment Ltd.* Inclusive, em 2011 ela foi diretora do próprio grupo *AGCO* (MALLIKA, 2020). De acordo com o relatório financeiro anual do *AGCO*, Malika Srinivasan detém 16,1% do total de suas ações (AGCO, 2020).

Há de se mencionar que essas *holdings* e fundos de investimentos controlam até as maiores corporações industriais dos Estados Unidos. Por exemplo, *The Vanguard Group, Inc.*, detendo 7,95% das ações, é o maior acionista da *Microsoft Corporation* (fabricante de *softwares*), que na atualidade possui capitalização de US\$ 1,5 trilhão e lucro líquido de US\$ 39 bilhões (ano de 2019), constituindo-se como a segunda maior empresa mundial. O seu segundo maior acionista é o *Capital Research & Management Company*, detentor de 7,34% de suas ações, enquanto que o *BlackRock Fund Advisors* é o sexto maior acionista, controlando 2,46% das ações da *Microsoft*⁸. *The Vanguard Group*, com 7,29% das ações, também é o maior acionista da *Apple Inc.* (fabricante de *smartphones*, entre outros), empresa que em 2019 possuía uma capitalização de US\$ 1,6 trilhão e lucro líquido de US\$ 55,3 bilhões, constituindo-se como a maior corporação mundial. O *BlackRock* é o quarto maior acionista da *Apple*, controlando 2,32% de suas ações⁹.

Aliás, *Capital Research & Management Co.*, *The Vanguard Group* e *BlackRock* têm atuação internacional, possuindo ações de empresas como a *Nestlé S.A.*, *Roche Holding AG* e

⁸ Os dados sobre essas empresas podem ser acessados pelo visualizador de mercado *MarketScreener* (no endereço eletrônico: <<https://www.marketscreener.com/>>).

⁹ Esses fundos de investimento também são acionistas de outras destacadas empresas. Por exemplo, *The Vanguard Group* é o maior acionista (com 7,35% das ações) da empresa *Alphabet Inc.*, uma *holding* que controla *sites* como o *Google* e o *YouTube* e que possui uma capitalização de aproximadamente US\$ 1 trilhão, com lucro líquido de 34,3 bilhões de dólares (no ano de 2019). O segundo maior acionista da *Alphabet* é o *Capital Research & Management Co.*, que controla 4,98% de suas ações, enquanto que o *BlackRock* é proprietário de 2,42% das ações dessa empresa, sendo o seu quinto maior acionista (consultar: <https://www.marketscreener.com/>).



Novartis (suíças); *Royal Dutch Shell e Unilever N.V.* (anglo-holandesas); *SAP AG, Siemens AG e ThyssenKrupp AG* (alemãs); *L'Oréal e Total* (francesas), entre outras. No Brasil esses fundos são acionistas de empresas, tais como a *Petrobras S.A.*; *Ambev S.A.*; *Banco do Brasil S.A.*; *Weg S.A.*; *JBS S.A.*, entre outras¹⁰.

O que pretendemos ressaltar é que na atualidade mesmo os grandes grupos industriais se encontram dominados pelo grande capital financeiro, situação que, como mencionamos anteriormente, de certa forma já foi observada por Hilferding (1985) no início do século passado, quando ele constatou que o capital financeiro estava subordinando inclusive os grandes grupos industriais. Outro autor que naquela época também assinalou o protagonismo do grande capital financeiro, foi Lênin (1987) que verificou que essa forma de capital se tornaria imperialista, partilhando praticamente todo o planeta.

Ao estudarmos a dinâmica da indústria brasileira de máquinas agrícolas, constatamos que as observações feitas por Hilferding e Lênin, embora que há mais de um século, não podem ser ignoradas, pois o grande capital financeiro se intensificou nas últimas décadas.

O PLANEJAMENTO ECONÔMICO COMO RESISTÊNCIA AO CAPITAL IMPERIALISTA

Quando levantamos a hipótese de que o planejamento econômico pode ser uma alternativa frente ao avanço do capital financeiro imperialista, estamos nos embasando na própria história do país, que nos mostra que foi a partir de importantes projetos comandados por instâncias do governo Vargas que se instalou a indústria de base, empresas estatais como a Vale do Rio Doce, Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Eletrobrás, Petrobrás, Fábrica Nacional de Motores (FNM), Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), entre outras; assim como no bojo do Plano de Metas do governo JK se instalou a indústria automotiva, inclusive a fabricação interna de tratores e outras máquinas agrícolas.

Também não esquecendo da importância do planejamento durante os governos militares, especialmente no que se refere à consolidação do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) e os Planos Nacionais de Desenvolvimento Econômico (PND's), especialmente o II PND que contribuiu para consolidar o setor de bens de capital¹¹, inclusive a indústria de

¹⁰ Consultar: <https://www.marketscreener.com/>.

¹¹ Segundo João Paulo dos Reis Velloso – Ministro do Planejamento no período de 31 de outubro de 1969 a 15 de março de 1979 – o II PND realizou maciços investimentos na indústria de bens de capital, mas que os resultados desse projeto só apareceram a partir de 1983/84, ressaltando que no período 1974



máquinas agrícolas.

Podemos citar também um país em que na atualidade o planejamento tem sido um importante instrumento utilizado, inclusive para o desenvolvimento da indústria de máquinas agrícolas. A partir de um controle eficiente do Estado sobre a sua economia a China tem conseguido atuar internamente e até externamente nesse setor. Uma empresa chinesa a ser destacada é a *Lovol Heavy Industry Co. LTD (Lovol)*, que atua no ramo de fabricação e comercialização de equipamentos industriais em grande escala, especializada em equipamentos agrícolas, máquinas para construção, veículos e serviços financeiros. Trata-se de uma empresa nova, fundada em 1998, com sede em Jinan, mas que no ano de 2015 já empregava 15 mil funcionários e possuía o total de US\$ 2,4 bilhões de ativos, com receita de vendas de 3,2 bilhões de dólares (LOVOL, 2019). No exterior a *Lovol* comercializa tratores agrícolas da marca *Foton*. Mas, o que nos chama a atenção é que apesar de jovem, essa empresa está expandindo suas atividades para o exterior. Por exemplo, a partir de 2011, ela adquiriu a *Arbo*, renomada empresa italiana fabricante de tratores e colheitadeiras. A intenção dessa empresa chinesa é se inserir no mercado europeu e, inclusive, expandir para outros continentes por meio de tecnologia mais conhecida no Ocidente (CHINESES, 2019).

Recentemente (a partir de janeiro de 2021), a própria empresa *Lovol Heavy Industry Co., LTD.* foi incorporada ao *Weichai Group* (que adquiriu 60% de suas ações), uma subsidiária do *Shandong Heavy Industry Group* que é um conglomerado industrial controlado pela SASAC da província de Shandong (WEICHAI, 2021).

Ressaltando que a *State-Owned Assets Supervision and Administration Commission of the State Council (SASAC)* – Comissão de Supervisão e Administração de Ativos Estatais do Conselho de Estado da China – é a instituição governamental encarregada de administrar as ações do Estado chinês (SASAC, 2019).

A SASAC administra ações de empresas em setores estratégicos, como do petróleo, energia, aviação, setor ferroviário, armamentos, entre outros. No setor de máquinas agrícolas ela administra ações da *First Tractor Company Limited*, empresa que surgiu em 1955 como um projeto do Primeiro Plano Quinquenal (1953-1957). Sua sede é em Henan, onde produz máquinas agrícolas (segmento responsável por mais de 80% de suas receitas), componentes e peças (FIRST TRACTOR, 2020a e 2020b).

O que nos chama a atenção é que, ao contrário do que ocorre com empresas instaladas

a 1984 o Brasil passou de importador a exportador de bens de capital, saindo de um *déficit* de US\$ 2,6 bilhões para um *superávit* de quase 1 bilhão de dólares (VELLOSO, 1998).



em países ocidentais, em que a maioria das ações pertencem a fundos de investimentos, *holdings* administradoras de fortunas etc., o maior acionista da *First Tractor* é o próprio Estado chinês, que é detentor de 60,2% de suas ações (FIRST TRACTOR, 2020b).

Para Jabbour *et al.* (2020), o segredo do considerável desempenho da economia chinesa está no fato do Estado controlar as atividades, a começar pelo seu sistema financeiro e ao aplicar um eficiente planejamento sobre as atividades industriais, prospetando seus gargalos para investimento e levantando os recursos financeiros necessários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como destacamos nesse artigo, ainda no início do século passado a ação do capital financeiro chamou a atenção de autores marxistas como Hilferding (1985) e Lênin (1987). De acordo com Rangel (1980), o planejamento é um instrumento importante, do qual o Estado não pode abrir mão se o objetivo é o desenvolvimento econômico nacional. Mas, para tal se faz necessário, além do planejamento propriamente dito, a criação de um sistema financeiro interno robusto, requisitos que o Brasil não tem tido nas últimas décadas. Muito pelo contrário, como colocamos anteriormente, especialmente a partir da década de 1980 as políticas econômicas de estímulo à industrialização têm sido preteridas em relação às políticas liberais, propostas por entidades internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o que tem agradado ao capital financeiro imperialista que, inclusive, tem se apropriado da indústria brasileira de máquinas agrícolas.

Eis um desafio que se levanta: como formar um projeto político que esteja disposto a retomar a industrialização do país? Como formar um capital financeiro interno que condicione os projetos econômicos, especialmente os voltados à retomada dessa indústria que, em vários setores, está defasada ou controlada pelo capital externo?

Como ressaltamos anteriormente a China tem demonstrado que o planejamento é um instrumento imprescindível. Porém, não podemos desconsiderar as particularidades daquele país. Há de se ressaltar que em um estudo recente, Jabbour *et al.* (2020) afirmam – inclusive fundamentados no pensamento de Rangel – que a China avançou no planejamento a ponto de alcançar uma “economia do projetamento”, que tem buscado superar as incertezas keynesianas (típicas das economias capitalistas) ao substituir os valores de troca e de uso (o mercado propriamente dito) por outra forma de regulação, o custo benefício; inclusive conseguindo evitar o desemprego, o que tem sido um problema comum nos países que aplicam políticas liberais. Para esses autores, o governo chinês tem conseguido implantar essa nova forma de



regulação econômica ao controlar o seu sistema financeiro e sua moeda, desenvolvendo robustos investimentos, inclusive ampliando o seu mercado interno (aumentando salários etc.)

Mas, no Brasil não há uma economia do “projeto” (voltada ao interesse social) e nem mesmo uma política econômica centrada no planejamento (um Estado planejador e empreendedor), o que nos obriga a buscar alternativas genuínas, respostas para os nossos próprios problemas.

Ou seja, tem-se uma árdua, mas necessária, tarefa a ser encarada, a de comandar o desenvolvimento econômico do país, antes que o capital financeiro imperialista o faça, mas de acordo com seus interesses.

REFERÊNCIAS

AGCO Corporation. *MarketScreener*. Disponível em: <<https://www.marketscreener.com/AGCO-CORPORATION-11558/company/>>. Acesso em: 08 mar. 2020.

AMATO NETO, João. A indústria de máquinas agrícolas no Brasil – origens e evolução. *Revista de Administração de Empresas*, vol. 25, n.º 3, p. 57-69, jul./set. 1985.

ANFAVEA, Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores. *Anuário da indústria automobilística brasileira – 2019*. São Paulo: Gráfica Mundo, 2019.

BARICELO, Luis G.; VIAN, Carlos E. de F. A relação entre a demanda de máquinas agrícolas e a política agrícola. *Revista de Política Agrícola*, vol. 26, n.º 1, p. 38-48, jan./fev./mar. 2017.

BARROS DE CASTRO, Antônio. Ajustamento X Transformação. A economia brasileira de 1974 a 1984. In: BARROS DE CASTRO, Antônio; SOUZA, Francisco E. P. de. *A economia brasileira em marcha forçada*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 11-96.

BNDES, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Desembolsos do Fname Agrícola crescem 47%. *Informe BNDES*, n.º 87, p. 1, set. 1995.

BRASTOFT. *Lexicar Brasil*. Disponível em: <<http://www.lexicarbrasil.com.br/brastoft/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

BUENO, Sérgio. Grupo dos EUA compra fabricante de colheitadeira do RS. *Folha de Londrina*, Londrina, 28 jun. 1999. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/geral/com.br/geral/grupo-dos-eua-compra-fabricante-de-colheitadeira-do-rs-170881.html>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

CAPITAL GROUP. *Capital Research and Management Company*, Los Angeles, september 27, 2019. Disponível em: <https://www.morganstanley.com/wealth-InvestmentsoLutions/pdfs/adv/capitalgroup_adv.pdf>. Acesso em: 22, jan. 2020.

CASTILHOS, Clarisse C.; JORNADA, Maria I. H. da; STERNBERG, Sheila S. W. GUILARDI, Raquel C. A indústria de máquinas e implementos agrícolas (MIA) no RS: notas sobre a configuração recente. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, vol. 29, n.º 2, p. 1-29, 2008.

CBT. *Lexicar Brasil*. Disponível em: <<http://www.lexicarbrasil.com.br/cbt/>>. Acesso em: 03 jun. 2018.



CHINESES querem dominar o mundo com marca italiana de máquinas agrícolas. *CompreRural*. 5 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.comprerural.com/chineses-querem-dominar-o-mundo-com-marca-italiana-de-maquinas-agricolas/>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

CNH Industrial N.V. *Annual report*, EU IFR, at december 31, 2019. Disponível em: <https://www.cnhindustrial.com/en-us/investor_relations/shareholder_meetings/shareholder_documents/2020/cnhi_ifrs_annual_report_2019.pdf?REDIRECT=0>. Acesso em: 08 mar. 2020.

DEERE & Company. *MarketScreener*. Disponível em: <<https://www.marketscreener.com/DEERE-COMPANY-12279/company/>>. Acesso em: 03 jan. 2020a.

_____. *Deere announces net income of \$3.253 billion for year*. Disponível em: <https://s22q4cdn.com/253594569/files/doc_financials/2019/q4/Q_2019_News-ReLease-and-Financials.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2020b.

ELVERDIN, Pablo; PIÑEIRO, Martín. Papel dos países do Cone Sul na geopolítica dos alimentos. In: VIEIRA, Pedro A.; CONTINI, Elisio; HENZ, Gilmar P.; NOGUEIRA, Virgínia G. de C. (editores). *Geopolítica do alimento: o Brasil como fonte estratégica de alimentos para a humanidade*. Brasília – DF: Embrapa, 2019, p. 35-42.

EXOR nv. *MarketScreener*. Disponível em: <<https://www.marketscreener.com/EXOR-NV-32464938/company/>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

FIRST TRACTOR company limited. *About us/prouducts*. Disponível em: <http://en.first-tractor.com.cn/about_14353/Introduction/>. Acesso em: 03 jan. 2020a.

FIRST TRACTOR. *2018 Annual report*. Disponível em: <http://en.first-tractor.com.cn/Inesto_r_Relations/Information_disclosure/Annual_Reports/201905/P020190507298926669487.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2020b.

FLORES, Edson L. *De um projeto de desenvolvimento nacional à subordinação ao capital externo: a dinâmica da indústria brasileira de máquinas agrícolas*. Tese (Doutorado em Geografia) – UNIOESTE, Francisco Beltrão – PR, 2021.

FÜRSTENAU, Vivian. A política de crédito rural na economia brasileira pós 1960. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, vol. 8, n.º 1, p. 139-154, 1987.

HILFERDING, Rudolf. *O capital financeiro*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

IDEAL. *Lexicar Brasil*. Disponível em: <<http://www.lexicarbrasil.com.br/ideal/>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

JABBOUR, Elias M. K.; DANTAS, Alexis T.; ESPÍNDULA, Carlos J.; VELLOZO, Júlio. A (nova) economia do projetamento: o conceito e suas novas determinações na China de hoje. *Geosul*, Florianópolis, vol. 35, n.º 77, p. 17-48, dez. 2020.

KEYNES, John M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda: inflação e deflação*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

KUHN-METASA quer ser líder no mercado latino-americano. *Página Rural*, 18 fev. 2005. Disponível em: <<http://www.paginarural.com.br/noticia/10648/kuhn-metasa-quer-ser-lider-no-mercado-latino-americano>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

LÊNIN, Vladimir I. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. 4 ed. São Paulo: Global, 1987.



LIM, Dawn. *BlackRock's assets fall below \$6 trillion mark*. *MarketWatch*. (jan. 16, 2019). Disponível em: <<https://www.marketwatch.com/story/blackrocks-assets-fall-below-6-trillion-mark-2019-01-16>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

LOVOL Agriculture. *Company – About us*. Disponível em: <<http://www.lovoltractor.eu/company/aboutus.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

MALLIKA Srinivasan. *MarketScreener*. Disponível em: <<https://www.marketscreener.com/business-leaders/Mallika-Srinivasan-0789SG-E/biography/>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

MASSEY FERGUSON. *Lexicar Brasil*. Disponível em: <<http://www.lexicarbrasil.com.br/massey-ferguson/>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

MDIC, Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. *Comex vis: municípios*. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-municipio>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

RANGEL, Ignácio. *Recursos ociosos e política econômica*. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. Elementos de economia do projetamento. In: _____. *Obras reunidas*. vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 355-446.

RIBEIRO, Cassiano. Franceses assumem Montana em fevereiro. *Gazeta do Povo*, 31 jan. 2014. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/economia/franceses-assumem-montana-em-fevereiro-efrm1iz4qt3fcutnfj7569j66/>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

SANTAL. *Lexicar Brasil*. Disponível em: <<http://www.lexicarbrasil.com.br/santal/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

SARTI, Fernando; SABBATINI, Rodrigo; VIAN, Carlos E. F. Dinâmica dos investimentos no subsetor de máquinas agrícolas. In: SABBATINI, Rodrigo (coord.). *Projeto PIB: perspectivas do investimento em mecânica*. N.º 7, Campinas: IE-UNICAMP/IE-UFRJ, 2009, p. 111-133.

SASAC, State-owned Assets Supervision and Administration Commission of the State Council. *About us – what we do*. Disponível em: <<http://en.sasac.gov.cn/>>. Acesso em: 27 jul. 2019.

SILVA, Rodrigo P.; BARICELO, Luis G.; VIAN, Carlos E. de F. Estoque brasileiro de tratores agrícolas: evolução e estimativas de 1960 a 2016. *Revista de Economia Agrícola*, São Paulo, vol. 62, n.º 2, p. 21-35, jul./dez. 2015.

STARA. *Lexicar Brasil*. Disponível em: <<http://www.lexicarbrasil.com.br/stara/>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

TAFE. *About tractors and farm equipment limited/Business verticals*. Disponível em: <<https://www.tafe.com/>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

TOPCON. *Setores*. Disponível em: <<https://www.topconpositioning.com/br/agricultura-de-precis%C3%A3o>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

VANGUARD. *Fast facts about Vanguard*. Disponível em: <<https://about.vanguard.com/who-we-are/fast-facts/>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

VELLOSO, João P. dos R. *O último trem para Paris: de Getúlio a Sarney – “milagres, choques e crises do Brasil moderno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

_____. O governo Geisel: estratégia de desenvolvimento e coordenação da política econômica. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, vol. 52 (edição especial), p. 15-25, fev. 1998.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA

5ª EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

WEICHAI. Weichai Group officially completes the strategic reorganization of Lovol Heavy Industries. *Big News*, 2021-01-06. Disponível em: <https://en.weichai.com/media_center/news/202101/t20210107_67620.html>. Acesso em: 28 jan. 2021.